

Agenor Brighenti (Org.)



OS VENTOS SOPRAM DO SUL

O PAPA FRANCISCO E A
NOVA CONJUNTURA ECLESIAL



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Os ventos sopram do sul : o Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial / Agenor Brighenti, (org.). -- São Paulo : Paulinas, 2019.
-- (Coleção bispo de Roma)

Vários autores.
ISBN 978-85-356-4534-7

1. Concílio Vaticano (2. : 1962-1965) 2. Francisco, Papa, 1936 -
3. Igreja Católica - América Latina 4. Igreja e pobres 5. Igreja e
problemas sociais 6. Teologia I. Brighenti, Agenor. II. Série.

19-26895

CDD-262.13

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica : Papas : Magistério pastoral 262.13
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª edição – 2019

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*
João Décio Passos
Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Ana Cecília Mari*
Gerente de produção: *Felício Calegare Neto*
Projeto gráfico: *Jéssica Diniz Souza*
Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2019

Sumário

Prefácio

Com o Papa Francisco termina a Igreja só ocidental
e começa a Igreja universal7

LEONARDO BOFF

Introdução 11

Da periferia para o centro: a influência das Igrejas do Sul
na nova conjuntura eclesial 21

JOÃO DÉCIO PASSOS

La alegría siempre nueva del evangelio y las novedades
pastorales de Francisco 59

CARLOS MARÍA GALLI

Igreja em saída: compromissos e contradições
na proposta missionária do Papa Francisco..... 111

PAULO SUESS

Eclesiología latinoamericana en el pensamiento
del Papa Francisco 127

JOSÉ DE JESÚS LEGORRETA ZEPEDA

“Uma Igreja pobre e para os pobres”:
abordagem teológico-pastoral do Vaticano II a Francisco..... 149

FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR

Documento de Aparecida: o “texto original”,
o “texto oficial” e o Papa Francisco 183

AGENOR BRIGHENTI

El Papa Francisco: nuevo paradigma eclesial y teológico.....233

JUAN JOSÉ TAMAYO

Prefácio

Com o Papa Francisco termina a Igreja só ocidental e começa a Igreja universal

LEONARDO BOFF*

Passaram-se já mais de cinco anos do papado de Francisco, bispo de Roma e papa da Igreja universal. Muitos fizeram balanços minuciosos e brilhantes sobre essa nova primavera que irrompeu na Igreja. De minha parte enfatizo apenas alguns pontos que interessam à nossa realidade.

O primeiro deles é a revolução feita na figura do papado, vivida em pessoa por ele mesmo. Não é mais o papa imperial com todos os símbolos, herdados dos imperadores romanos. Ele se apresenta como simples pessoa como quem vem do povo. Sua primeira palavra de saudação foi dizer aos fiéis *"buona sera"*: "Boa-noite". Em seguida, anunciou-se como bispo de Roma, chamado a dirigir no amor a Igreja que está no mundo inteiro. Antes de ele mesmo dar a bênção oficial, pediu que o povo o abençoasse. E foi morar não num

* Teólogo, escritor e professor universitário brasileiro, expoente da teologia da libertação no Brasil e conhecido internacionalmente por sua defesa dos direitos dos pobres e excluídos. Foi membro da Ordem dos Frades Menores (franciscanos) e, depois, professor emérito de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e em outras universidades estrangeiras. Seu trabalho atual está relacionado principalmente às questões ambientais.

palácio – o que teria feito chorar Francisco de Assis –, mas numa casa de hóspedes. E come junto com eles.

O segundo ponto importante é anunciar o Evangelho como alegria, como superabundância de sentido de viver e menos como doutrinas dos catecismos. Não se trata de levar Cristo ao mundo secularizado. Mas de descobrir sua presença nele pela sede de espiritualidade que se nota em todas as partes.

O terceiro ponto é colocar no centro de sua atividade três polos: o encontro com o Cristo vivo, o amor apaixonado pelos pobres e o cuidado da Mãe Terra. O centro é Cristo e não o papa. O encontro vivo com Cristo tem o primado sobre a doutrina.

Em vez da lei, anuncia incansavelmente a misericórdia e a revolução da ternura, como o disse, falando aos bispos brasileiros em sua viagem ao nosso país.

O amor aos pobres foi expresso na sua primeira intervenção oficial: “Como gostaria que a Igreja fosse a Igreja dos pobres!”. Foi ao encontro dos refugiados que chegavam à ilha de Lampedusa, no sul da Itália. Ali disse palavras duras contra certo tipo de civilização moderna que perdeu o sentido da solidariedade e não sabe mais chorar o sofrimento de seus semelhantes.

Suscitou o alarme ecológico com sua encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da Casa Comum (2015), dirigida a toda a humanidade. Mostra clara consciência dos riscos que o sistema-vida e o sistema-Terra correm. Por isso, expande o discurso ecológico para além do ambientalismo. Diz enfaticamente que devemos fazer uma revolução ecológica global (n. 5). A ecologia é integral e não apenas verde, pois involucra a sociedade, a política, a cultura, a educação, a vida cotidiana e a espiritualidade. Une o grito dos pobres com o grito da Terra (n. 49). Convida-nos a sentir como nossa a

dor da natureza, pois todos somos interligados e envolvidos numa teia de relações. Convoca-nos a “alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo... uma mística que nos anima, nos impele, motiva e encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária” (n. 216).

O quarto ponto significativo foi apresentar a Igreja não como um castelo fechado e cercado de inimigos, mas como um hospital de campanha que a todos acolhe sem reparar sua extração de classe, de cor ou de religião. É uma Igreja em permanente saída para os outros, especialmente para as periferias existenciais que grassam no mundo inteiro. Ela deve servir de alento, infundir esperança e mostrar um Cristo que veio para nos ensinar a viver como irmãos e irmãs, no amor, na igualdade, na justiça, abertos ao Pai que tem características de Mãe de misericórdia e de bondade.

Por fim, mostra clara consciência de que o Evangelho se opõe às potências deste mundo que acumulam absurdamente, deixando na miséria grande parte da humanidade. Vivemos sob um sistema que coloca o dinheiro no centro e que é assassino dos pobres e um depredador dos bens e serviço da natureza. Contra esses, tem as mais duras palavras.

Dialoga com todas as tradições religiosas e espirituais. No lava-pés da Quinta-Feira Santa, estava uma menina muçulmana. Quer as Igrejas, com suas diferenças, unidas no serviço ao mundo, especialmente aos mais desamparados. É o verdadeiro ecumenismo de missão.

Com esse Papa que “vem do fim do mundo” se encerra uma Igreja só ocidental e começa uma Igreja universal, adequada à fase planetária da humanidade, chamada a encarnar-se nas várias culturas e construir aí um novo rosto a partir da riqueza inesgotável do Evangelho.

Introdução

Os poucos anos do pontificado reformador de Francisco foram suficientes para propiciar à Igreja um momento novo, ainda que não sem tensões e oposição de segmentos eclesiais, que até então gozavam de prestígio e ocupavam centros de poder. A eleição de um papa oriundo do “fim do mundo” desestabilizou o velho centro, acostumado a domesticar autoritariamente a periferia. A renúncia de Bento XVI, em certa medida, poderia ser lida como o esgotamento de um projeto de Igreja em torno da denominada “nova evangelização”, desenhado pelo Papa João Paulo II. A categoria “nova evangelização”, plasmada por *Medellín* e reiterada por Paulo VI Na *Evangelii Nuntiandi*, para expressar a necessidade de um novo modo de agir a fim de implementar a renovação do Concílio Vaticano II, foi usada para levar a cabo um programa de ação com características de neocrisandade. A meta parecia ser, através de uma missão centrípeta, sair para fora da Igreja, a fim de trazer de volta para dentro dela os católicos afastados. Como destinatários da dita “nova evangelização” havia, sobretudo, os católicos da sociedade europeia secularizada, emancipados da Igreja. Para isso, por diversas razões, se tinha minimizado a profunda renovação operada pelo Concílio Vaticano II e tomado

distância de um diálogo franco e aberto com o mundo, que passa por profundas transformações, particularmente em torno da irrupção da modernidade tardia. A emergência de novos valores, verdadeiros “sinais dos tempos”, entretanto, desafiava a Igreja a romper com o “inverno eclesial” ou a “noite escura” que se haviam instaurado, sob o comando de segmentos da hierarquia e com o respaldo de grupos tradicionalistas, visivelmente atrelados e nostálgicos a um passado sem retorno.

Foi neste contexto que, após a renúncia de Bento XVI, quando todos esperavam mais do mesmo, de modo surpreendente, foi eleito o Papa Francisco, um novo papa que está fazendo um pontificado novo. Já estava na hora de se respirar novos ares (*buenos aires*), de se olhar o mundo sob outro prisma (desde a periferia) e de se romper com o eurocentrismo (para incluir o fim do mundo); enfim,urgia-se um “novo Pentecostes”. Era chegada a hora das “novas Igrejas” do hemisfério Sul, Igrejas há décadas com novo rosto, plasmado na “recepção criativa” do Concílio Vaticano II; o rosto dos pobres e excluídos do Sul global, com suas “angústias e esperanças”, mas sobretudo portadores da “doce alegria de evangelizar”. E, de fato, o que se viu com a eleição do Papa Francisco, desde a primeira hora, foram os *ventos soprando a partir do Sul* e forjando uma nova conjuntura eclesial. “Vento impetuoso”, em gestos fortes e desconcertantes, em palavras que são navalha e em iniciativas arrojadas como a da reforma na própria casa, a Cúria Romana.

Até o momento, quatro grandes documentos estão dando o tom e o rumo deste pontificado – *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si'*, *Amoris Laetitia* e a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, sobre o chamado à santidade no mundo atual.

Também se poderia incluir os três proféticos discursos endereçados aos Movimentos Populares, que marcam um avanço no Pensamento Social da Igreja. Todos estes documentos foram jubilosamente recebidos, tanto dentro como fora da Igreja, menos pelos segmentos tradicionalistas. Há contestação aberta e descarada, inclusive de cardeais, contrapondo-se a um magistério que nada mais faz do que acertar o passo da Igreja com a renovação do Concílio Vaticano II, ainda que com os matizes do modo como foi recebido pelas Igrejas no hemisfério Sul.

O Papa Francisco é fruto do caminhar da Igreja no Sul global, particularmente na América Latina, que com *Medellín* deixou de ser uma “Igreja reflexo” (H. Lima Vaz) da Europa e passou a ter um rosto e uma palavra próprios. Seu rosto próprio vem da busca de uma Igreja toda ela ministerial, da superação do binômio clero-leigos, de uma Igreja organizada em Comunidades Eclesiais de Base, do testemunho dos mártires das causas sociais ou da inserção profética dos cristãos no seio de uma sociedade excludente, como cidadãos. Sua palavra própria se alicerça na leitura popular da Bíblia e no saber popular, também dotado de um *logos* crítico, que encontram na teologia da libertação uma nova inteligência da fé. Papel importante neste percurso tiveram as Conferências Gerais dos Bispos da América Latina de *Medellín* (1968), *Puebla* (1979), *Santo Domingo* (1992) e *Aparecida* (2007). Aliás, certamente não haveria Papa Francisco sem *Aparecida*, seja por ter contribuído muito com seu êxito, seja por ter assumido suas conclusões, que significam o resgate da renovação do Vaticano II, na perspectiva de *Medellín*. No pontificado de Francisco, “os ventos sopram do Sul”, trazendo novo alento para a Igreja como um todo, sobretudo para o velho mundo e os atrelados a ele, ainda que com a resistência de muitos.

A abordagem deste livro busca, precisamente, colocar em relevo a contribuição das Igrejas no hemisfério Sul, particularmente na América Latina, ao pontificado de Francisco. São sete capítulos, precedidos por um prefácio: cinco de teólogos brasileiros e três de teólogos estrangeiros, escritos em espanhol. Optamos por publicar os textos escritos em língua estrangeira na língua do papa, sem tradução ao português, até para expressar a diversidade de vozes do Sul, presentes na nova conjuntura eclesial, propiciada pelo pontificado de Francisco.

Abrindo o livro, está o prefácio de Leonardo Boff. Segundo o autor, “com esse papa que ‘vem do fim do mundo’ se encerra uma Igreja só ocidental e começa uma Igreja universal, adequada à fase planetária da humanidade, chamada a encarnar-se nas várias culturas e a construir aí um novo rosto a partir da riqueza inesgotável do Evangelho”. Isso se deve ao rompimento de estilo de papa imperial, reinante até então, para uma pessoa que vem do povo, apaixonado pelos pobres e morando numa casa de hóspedes. Com sensibilidade ecológica, anuncia o Evangelho como alegria aos pequenos e, ao mesmo tempo, oposição às potências deste mundo.

No primeiro capítulo, *João Décio Passos*, teólogo da PUC de São Paulo, trata da presença das Igrejas do Sul na atual conjuntura eclesial universal, gradativamente plasmada pelo Papa Francisco, desde sua eleição. O autor mostra que, no âmbito e na sequência de uma hegemonia histórica e institucional das Igrejas do Norte, as periferias foram marcando presença na inteligência central da Igreja, sobretudo, a partir das possibilidades lançadas pelo Concílio Vaticano II. A eclesiologia conciliar, com os princípios da comunhão e da colegialidade, abriu efetivamente a possibilidade de uma

circularidade entre centro e periferia da Igreja, sendo o período de sua recepção precisamente um jogo tenso dessa relação. O Papa Francisco é o filho dessa época e o sujeito que sintetiza em suas posturas e ministério a relação entre a unidade/centralidade e a diversidade/localidade eclesiais.

Na sequência, no segundo capítulo, *Carlos María Galli*, teólogo argentino da Universidade Católica de Buenos Aires, aborda *La alegría siempre nueva del Evangelio y las novedades pastorales de Francisco*. O autor se propõe a aprofundar a pessoa, o ministério e o pensamento do papa reformador, que tem suas raízes tanto na singularidade do jesuíta Jorge Mario Bergoglio como em sua pertença à Igreja latino-americana, em especial, seu alinhamento com o projeto missionário de *Aparecida*. A abordagem é feita em quatro momentos: a novidade do pontificado de Francisco, a novidade permanente do Evangelho na teologia pastoral do novo papa, a sinodalidade da Igreja em perspectiva missionária como marca de sua eclesiologia e algumas novidades em seu magistério social.

No terceiro capítulo, o missiólogo alemão *Paulo Suess*, radicado no Brasil, entre outros, ao CIMI, mostra como, depois de longos anos de um magistério tímido no aproveitamento das aberturas propostas pelo Vaticano II, o magistério do Papa Francisco parece descortinar horizontes conciliares de saída de um inverno eclesial a serviço do mundo de hoje. Para o autor, o paradigma da “Igreja em saída” inspira, não sem contradições, a possibilidade de um novo agir pastoral do encontro e da proximidade entre Povo de Deus e Igreja hierarquicamente estruturada. A “Igreja em saída” está substituindo o paradigma da “Nova Evangelização”. A Exortação *Evangelii Gaudium*, que deveria ser a

síntese das “Proposições” do sínodo de 2012 sobre a nova evangelização, foi muito além. No entanto, frisa o autor, sua implementação encontra obstáculos previsíveis.

No quarto capítulo, *José de Jesús Legorreta Zepeda*, teólogo mexicano da Universidade Ibero-americana do México, apresenta, no contexto de crise eclesial fruto da incongruência entre uma eclesiologia de comunhão e estruturas eclesiais pré-conciliares, que a eclesiologia do Papa Francisco não somente resgata a eclesiologia conciliar como forja uma reforma eclesial profunda, na qual as contribuições da eclesiologia latino-americana da libertação são incorporadas ao patrimônio irrenunciável da grande tradição da Igreja. Entre elas, apresenta o método “ver-julgar-agir”, a opção pelos pobres, a prioridade da ortopraxis em relação à ortodoxia, a relevância das mediações sociais da fé e a necessidade de uma Igreja pobre e para os pobres.

Na sequência, como quinto capítulo, *Francisco de Aquino Júnior*, teólogo da Universidade Católica de Pernambuco, revela que, no centro das preocupações e orientações pastorais do novo bispo de Roma, estão o cuidado e o compromisso com os pobres, expressos nos termos de “uma Igreja pobre para os pobres”. Segundo o autor, essa é uma marca fundamental da Igreja de Jesus Cristo, pois, ainda que nunca se tenha perdido completamente esta tradição, foi profeticamente retomada com muita força e criatividade pelo Concílio Vaticano II, com João XXIII e o grupo “Igreja dos pobres”, e, sobretudo, pela Igreja latino-americana, com as conferências episcopais de Medellín e Puebla, assim como com a teologia da libertação. Partindo da reflexão desenvolvida no Concílio Vaticano II e na Igreja da América Latina, o texto apresenta o modo como Francisco compreende e

propõe a opção pelos pobres para toda a Igreja, assim como identifica as convergências e diferenças entre Francisco e a teologia da libertação acerca do projeto de “uma Igreja pobre para os pobres”.

No sexto capítulo, *Agenor Brighenti*, teólogo-pastoralista da PUC do Paraná, faz um paralelo entre o “texto original” do Documento de Aparecida, que teve à frente da Comissão de Redação o então Cardeal Bergoglio e que sofreu em torno de 250 mudanças antes de ser publicado como “texto oficial”, e o magistério do Papa Francisco, especialmente a *Evangelii Gaudium*. Para o autor, é curioso constatar que o Papa Francisco, desde a primeira hora de seu pontificado, em seus pronunciamentos e documentos, tem resgatado praticamente tudo aquilo que os censores do “texto original” de *Aparecida* tinham suprimido. É o “Papa do fim do mundo”, fazendo soprar desde a periferia os “ventos do Sul” no coração da Igreja como um todo. Trata-se da afirmação da tradição eclesial libertadora da Igreja na América Latina, antes sob suspeição e, agora, reconhecida e enriquecendo a Igreja inteira.

Fechando o livro, no sétimo capítulo, o teólogo espanhol *Juan José Tamayo* apresenta o Papa Francisco como um novo paradigma eclesial. Sublinha suas três principais linhas de ação: a reforma estrutural da Igreja, a desqualificação do sistema liberal capitalista e o cuidado com a ecologia. Para o autor, o novo pontificado se situa na perspectiva libertadora posta em evidência pela teologia da libertação, assim como pelas teologias do Sul global. Mas não deixa de apontar também seus limites, para ele, os três mais importantes: a lentidão na reforma da Igreja, a persistência do clericalismo e a marginalização das mulheres. Termina dizendo que o

futuro do atual pontificado reformador depende da superação do clericalismo, do respeito ao pluralismo, da promoção da sinodalidade eclesial em todos os níveis, da incorporação das mulheres, da Igreja situar-se nas periferias e da promoção das CEBs.

* * *

O modelo de Igreja acenado pelo Papa Francisco e sua postura ante o mundo lembram muito a figura de João XXIII. Ambos são habitados por um olhar sereno e otimista perante o mundo que, para os segmentos alinhados à neocris­tandade, conspira contra a Igreja. Em meio a luzes e sombras, há novos valores emergentes a acolher e novos sinais dos tempos a discernir, sem perder o senso crítico e a profecia.

A tarefa do Papa Francisco, também por ser um papa da periferia, não será nada fácil. Também João XXIII encontrou muitas dificuldades em convocar um Concílio que abrisse “portas e janelas da Igreja, para deixar entrar o ar fresco do mundo”. Dificuldades, sobretudo no seio da Cúria Romana, onde também hoje talvez resida o desafio maior de uma necessária e urgente reforma institucional. Acertadamente, o “Papa Bom” diagnosticava que, “em nosso tempo, abundam profetas de calamidades, para os quais não há nada de bom no mundo de hoje; no fundo, eles não aceitam a história; eles não assumem a radical ambiguidade da história”.

Só uma Igreja-mãe é capaz de assumir essa ambiguidade, condição para discernir e acolher os desígnios de Deus revelados no coração da história e ser presença no mundo de uma Igreja-mestra da verdade que liberta, a começar de sua autorreferencialidade, com matriz eurocêntrica e centralizadora. Se o Papa Francisco conseguirá imprimir um rosto de Igreja-mãe, samaritana, compassiva, pobre e dos pobres, tal

como sonhava João XXIII, é ainda apenas esperança. Mas já é alvissareiro o Bispo de Roma ter-se mostrado um pai simples, acolhedor da contribuição das novas Igrejas, próximo dos que sofrem, otimista. É preciso sonhar, pois, como diz Leonardo Boff, “não somos nós que carregamos sonhos, são os sonhos que nos carregam; o imaginário pertence também ao real, à sua melhor parte”.

Da periferia para o centro: a influência das Igrejas do Sul na nova conjuntura eclesial

JOÃO DÉCIO PASSOS*

O título desta reflexão faz afirmações explícitas e implícitas. Afirma explicitamente que vivenciamos uma nova conjuntura eclesial e que as Igrejas do Sul constituem uma variável dessa renovação. Afirma implicitamente que as Igrejas do Sul são portadoras de tradições próprias que as distinguem da tradição do governo central, ou seja, indica a existência de diferentes eclesiologias que ora se encontram em confronto, compondo uma “nova conjuntura”; ainda está oculto no título o pressuposto de que o Papa Francisco é promotor dessa influência, tendo sua origem em uma país/Igreja do Sul. Portanto, estaria ocorrendo uma confluência construtiva na Igreja Católica, um modo novo de encarar a própria Igreja na sua relação entre centro e periferia. Em termos estritamente eclesiológicos, está em jogo, por certo, uma nova postura entre os aspectos universal e particular da Igreja. Com efeito, algumas interrogações podem saltar à mente: essa influência é recente, inaugurada por Francisco? Qual o real poder de influência das Igrejas do Sul em uma

* Autor em Ciências Sociais e livre-docente em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professor associado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião na mesma Universidade.

estrutura institucional milenar e com práticas consolidadas? Como se dá essa influência? E, ainda, qual o significado político e eclesial dessa influência? Haverá uma postura hegemônica no final de um processo de reforma?

Entretanto, não parece haver dúvidas de que o papado não é mais o mesmo. Também não há dúvidas de que a instituição católica é exatamente a mesma. E, por certo, paira ainda a dúvida se a Igreja como um todo ainda é a mesma. A Igreja estaria em um tempo de transição, quando as coisas novas e velhas se confrontam, misturam-se sem apontar para um rumo claro? Qual seria o resultado final desse processo? Essas interrogações sócio-históricas sem repostas imediatas e, em certa medida, sem previsões probabilísticas exigem cautela na análise e, sobretudo, nos prognósticos. O fato é que, no momento presente, um papa do Sul levou consigo uma tradição eclesial local, formada na periferia do poder central da Igreja; poder milenarmente consolidado com suas estruturas e com seu *modus operandi*. No âmbito dessa estrutura, toda conjuntura que venha a ser construída corre o risco de configurar-se como temporária e sem efeitos organizacionais concretos. Há quem, de fato, esteja convicto de que a Igreja estaria vivendo nada mais que um momento fugaz com o atual pontificado. A aposta na continuidade das estruturas e das práticas subjaz, muitas vezes, como razão das indiferenças às chamadas do papa à conversão geral e radical da Igreja.

Tendo em vista esses dados e interrogações, a presente reflexão se encaminha a partir de três tópicos principais. O primeiro expõe uma lembrança necessária: a Igreja Católica construída a partir do Norte, na longa temporalidade que forma o Ocidente. Se hoje as Igrejas do Sul chegam ao poder e à